

TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NA HORTA COMUNITÁRIA DO POVOADO SOINHO (TERESINA – PI)

Laryssa Mylenna Silva SANTOS¹, Maria Elizabete de OLIVEIRA², Darcet Costa SOUZA³, Cristiane Lopes Carneiro D'ALBUQUERQUE⁴, Marcus Vinicius Guimarães CLARK⁵,

¹ Graduada em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, Brasil, mylennasantos11@gmail.com

² Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, Brasil, maeliz@uol.com.br

³ Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, Brasil, darcet@terra.com.br

⁴ Colégio Técnico de Teresina, Teresina-PI, Brasil, clcsouza.pi@hotmail.com

⁵ Graduando em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, Brasil, marcusclark81@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As hortas comunitárias nasceram como política pública para estancar o êxodo rural e ocupar jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, podendo estimular a consciência ambiental em crianças e gerar renda para os pais (Santos et. al. 2015), se constituindo em uma atividade que se caracteriza pelo uso intensivo de mão-de-obra, podendo gerar benefícios como a diminuição do desemprego (Filgueira, 2000).

Em Teresina, o Programa de Hortas Comunitárias foi criado pela Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento – SEMAB com o objetivo inicial de contribuir para a redução da marginalidade de crianças e adolescente, mas com o passar dos anos e com a adesão dos outros membros da família (Monteiro e Monteiro, 2006), acabou-se acrescentando outros objetivos, como o de aumentar a produção hortícola, gerar emprego e

renda e melhorar a alimentação das famílias horticultoras.

Em 2016, Teresina possuía 70 unidades de produção, das quais cinco aguardavam a certificação orgânica concedida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), entre elas a Horta Comunitária do Povoado Soinho que, com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Rural, passava por esse período de conversão ao sistema orgânico de produção subsidiada pelo enfoque da agroecologia, em outras palavras: passava pelo processo de transição agroecológica com o objetivo de futura certificação para o sistema orgânico de produção.

Sabendo que é de interesse da Prefeitura a conversão de outras hortas para o sistema orgânico de produção, visto que a procura dos consumidores por esse tipo de produto tem aumentado na capital, faz-se necessário que sejam conhecidos os agentes sociais, sua produção, o tipo de manejo adotado

e as atuais formas de escoamento dos produtos.

Os objetivos desse trabalho foram descrever e analisar aspectos sociais, econômicos e tecnológicos da Horta Comunitária do Povoado Soinho em processo de transição agroecológica, apresentando o perfil das e dos horticultores e delineando sua produção.

Por fim, pode-se constatar a predominância de lotes administrados por mulheres (sendo que nesses há maior diversificação da produção hortícola, quando comparados aos lotes administrados por homens), em mais da metade desses lotes as(os) horticultoras(es) recebem ajuda de pelo menos uma pessoa da família em algum momento da produção, a carga horária de trabalho predominante foi de cinco a sete horas diárias, sendo comercializadas trinta e seis espécies de hortaliças.

METODOLOGIA

A pesquisa, que foi realizada de setembro de 2016 a janeiro de 2017, na Horta Comunitária do Povoado Soinho (4°59'58.6" latitude sul e 42°43'46.4" longitude oeste) localizado na zona rural leste de Teresina-PI. A distância da horta ao centro da cidade é de aproximadamente 16 km. A pesquisa possuiu caráter quantitativo e qualitativo e foi fundamentada na aplicação de questionários estruturados e semiestruturados

como a principal ferramenta metodológica para a coleta de dados primários, contudo, também foram coletadas informações durante as conversas informais com os produtores. Os dados foram organizados segundo eixos temáticos:

- Eixo Social - contempla o perfil das(os) horticultoras(es): sexo, idade, fontes de renda, escolaridade, tempo na atividade hortícola e horas de trabalho diário na horta;
- Eixo Produção - aborda, como o nome sugere, a produção: número de canteiros por família, o que é produzido, como é o manejo;
- Eixo Comercialização - refere-se aos locais e formas de comercialização da produção hortícola.

Foram aplicados 25 questionários, correspondendo a 80,65% dos responsáveis pelos lotes, sendo 19 mulheres e seis homens. Os dados foram tabulados utilizando o programa computacional Excel.

RESULTADOS

Eixo social

Na horta comunitária do povoado Soinho, as mulheres são a maioria na administração dos lotes (76%) enquanto que os homens administram 24%. A idade dos

horticultores variou de 23 a 76 anos, com média de 47,1 anos, sendo que a idade média das mulheres foi de 47,7 anos, enquanto dos homens foi de 45,0.

Essa predominância das mulheres em hortas comunitárias também foi observada por Monteiro e Monteiro (2006), Porto e Silva (2012) e Silva et. al. (2015). Tradicionalmente as mulheres são responsáveis por hortas de acordo com Oakley (2004) porque se sentem responsáveis pelo incremento da renda familiar, pela oferta de alimentos de melhor qualidade e também pela saúde da família.

A idade média observada neste trabalho foi semelhante a encontrada por Porto e Silva (2012), Monteiro e Monteiro (2006) e Teixeira (2011). A baixa adesão de jovens à atividade hortícola em hortas comunitárias de Teresina também foi citada por Monteiro e Monteiro (2006) e Teixeira (2011).

A presença de pessoas analfabetas só foi observada entre mulheres (10%). O nível de escolaridade que expressou maior porcentagem foi fundamental incompleto (56% do total) e 72% dos horticultores são analfabetos, semi-analfabetos ou possuem fundamental incompleto, constatando o preocupante baixo nível de escolaridade dos horticultores.

Este fato também foi observado por Bezerra (1996), Silva et.al. (2016) e Teixeira (2011), sendo

inquietante que, em duas décadas, pouco se modificou o quadro de baixos índices de escolarização de horticultores, demonstrando a importância de políticas públicas que promovam a educação básica para estes, visto que a educação é fator limitante para o aumento do nível tecnológico da produção.

Além da venda de hortaliças, as principais fontes de renda das famílias são Bolsa Família (48%), aposentadoria (12%) e outras (32%), como a presença de um comércio na casa ou o emprego do conjugue. Além disso, observou-se também a produção e comercialização de mudas dentro da horta por parte de dois horticultores.

Quanto à combinação dessas fontes de renda, percebemos que há o acúmulo de no máximo três, havendo a predominância da combinação "Horta e Bolsa Família", demonstrando a ação complementar do Programa Bolsa Família para os participantes das hortas comunitárias. Este fato foi questão de estudo de trabalhos como o de Quinhões e Fava (2010), pois enquanto o Programa Bolsa Família tenta assegurar a saída das famílias de condições vulneráveis, a horta comunitária assegura uma fonte de renda e ocupação. Contudo, em longo prazo, o que deve ocorrer é a soberania do horticultor, o que só ocorrerá se este tiver assistência técnica de qualidade, podendo assim, abrir mão do Bolsa Família por já possuir renda mensal suficiente para viver com dignidade.

Quanto ao emprego de mão-de-obra de origem não familiar, 32% dos entrevistados a utilizam em algum momento, sendo que em quase 90% das vezes esse serviço é requerido apenas em situações excepcionais. Em 36% dos casos o horticultor não recebe qualquer ajuda de outros membros da família e outros 36% recebe ocasionalmente. Apenas 12% são ajudados por três ou mais familiares.

A quantidade de horas trabalhadas por dia variou de quatro a onze horas diárias, sendo que o intervalo de cinco a sete horas representou 60% dos horticultores. Com relação ao tempo de experiência na área de produção hortícola, em média, os horticultores da Horta Comunitária do Soinho produzem há cerca de 8 anos, sendo que alguns são horticultores desde o início do projeto na comunidade.

Eixo Produção

O número médio de canteiros por horticultor variou de 14 a 49, com média de 25 canteiros, sendo que em média os homens possuem quatro canteiros a mais que as mulheres.

A diversidade da produção na horta comunitária do Soinho somou trinta e seis espécies diferentes, entre plantas comestíveis convencionais, não convencionais e medicinais, valores superiores aos descritos por Silva (2016) quando trabalhou em outra horta comunitária de Teresina.

A produção de alface (*Lactuca sativa*), cebolinha (*Allium schoenoprasum*) e coentro (*Coriandrum sativum*) acontece em todos os lotes, os motivos para este fato provavelmente deve-se a alta demanda por estes produtos e a facilidade de manejo durante o ciclo produtivo. A importância comercial, cultural e social da grande produção dessas três hortaliças por parte dos horticultores de Teresina vem sendo citada desde Bezerra (1996) a Monteiro e Monteiro (2016).

A diversidade da produção de cada lote variou de quatro a dezenove espécies diferentes, tendo como quantidade média 11,32, superando assim o valor descrito por Bezerra (1996). Nos lotes administrados por mulher a produção é mais variada (em média 11,80 tipos de hortícolas) quando comparados aos lotes em que o homem é o administrador (média de 9,83 espécies). Essa diversidade se dá devido às iniciativas agroecológicas e à busca por uma produção orgânica e equilibrada.

O manejo da adubação do solo consiste basicamente em adicionar esterco caprino ao solo, alguns horticultores produzem composto orgânico com restos culturais e plantas espontâneas, misturando o esterco caprino para melhorar a composição. A irrigação é feita através de microaspersores e complementada com regas livres.

Todos os horticultores entrevistados praticam escalonamento da produção para

que esta atenda a demanda dos contratos e vendas na horta e em feiras. A rotação de culturas também foi citada por todos e 56% deixam de cultivar alguma espécie devido à época do ano ou ataque de insetos. É importante frisar que o que é chamado aqui de "rotação de culturas" é, na realidade, alternância de canteiros nos quais as hortaliças são produzidas.

Apenas um caso de mecanização para manejo de solo foi citado, sendo este para desmanche dos canteiros; todas as atividades realizadas com o solo são manuais, com o auxílio de equipamentos como enxada, pá e ciscador.

A colheita, lavagem e embalagem dos produtos também são manuais e acontecem na tarde anterior ao envio para os órgãos contratantes.

Eixo Comercialização

Os canais de comercialização mais citados foram os contratos feitos com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e com a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), cada uma participando com 90% da comercialização de produtos da horta.

A venda em feiras cresceu, segundo o relatado por algumas horticultoras, isso porque a Secretaria de Desenvolvimento Rural do município vem promovendo na primeira e na última sexta feira de todos os meses a Feira do Grupo de Produção Agrícola, conhecida

também como "feira agroecológica" e "feira de agricultores familiares de Teresina", onde os horticultores de hortas não-convencionais podem comercializar seus produtos diretamente com os consumidores finais.

CONCLUSÃO

Os objetivos do trabalho foram alcançados de maneira satisfatória, de forma que se pode traçar o perfil das e dos horticultores da Horta Comunitária do Povoado Soinho, bem como descrever sua produção durante o período de transição agroecológica pesquisado.

Nesta Horta, houve a predominância de lotes administrados por mulheres (76%) os quais possuíam maior diversidade de produção quando comparados aos lotes administrados por homens. O tamanho destes lotes variou de 14 a 49 canteiros, onde eram produzidas 36 espécies de hortaliças.

AGRADECIMENTOS

Às produtoras e produtores da Horta Comunitária do Soinho, sem os quais este trabalho jamais seria possível: pela paciência, generosidade e carinho. À Universidade Federal do Piauí, por todas as experiências e possibilidades.

REFERÊNCIAS

- Bezerra, A. M. E. Panorama geral das hortas comunitárias de Teresina-PI. *Ciência Agronômica*. Vol 27. Nº1/2. 1996.
- Filgueira, F. A. R. Novo Manual de Olericultura: agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças. Viçosa: Ed.UFV, 2000.p.16-17.
- Monteiro, J. P. R.; Monteiro, M. S. L. Hortas comunitárias de Teresina: agricultura urbana e perspectiva de desenvolvimento local. *Revista Iberoamericana de Economía Ecológica* Vol. 5: 47-60. 2006.
- Oakley, Emily. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. *Agriculturas*. Vol1. Nº 1. Nov. 2004.
- Porto, F. R. C.; Silva, J. C. Etnobotânica e uso medicinal da pimenta malagueta (*capsicumfrutescens* L.) pelos horticultores e consumidores da horta comunitária da Vila Poty, Teresina, Piauí, Brasil. *Revista FSA - Teresina* - nº 9 / 2012.
- Quinhões, T. A.; Fava, V. M. D. Intersetorialidade e transversalidade: a estratégia dos programas complementares do Bolsa Família. *Revista do Serviço Público*. Brasília 61 (1): 67-96 Jan/Mar 2010.
- Santos, J. J. F. et. al. Horta comunitária: instrumento de geração de renda para os pais das crianças do PETI- Satuba. In: Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia - CONTECC' 2015.
- Silva, S. D. P. et. al. Dinâmica socioproductiva dos agroecossistemas da horta urbana comunitária do grupo hortovale, Petrolina-PE. *Cadernos de agroecologia*. Vol 10. Nº 3. 2015.
- Silva, M. S. G. et. al. Agricultura urbana: horta comunitária do bairro Dirceu Arcoverde II em Teresina-PI - um estudo de caso. *AgrarianAcademy, Centro Científico Conhecer - Goiânia*, v.2, n.04; p. 2016.
- Teixeira, M. A. C. M. Agricultura urbana na cidade de Teresina: hortas comunitárias - políticas públicas ou segurança alimentar?. 2011. 172 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2011.